

Canoas em fragmentos de memórias – imagens e narrativas

Cleusa Maria Gomes Graebin

Este é um texto rememorativo que traz escritas, vozes e imagens que remetem a uma cidade, suas paisagens, seus moradores e as narrativas que sobre ela têm-se construído. O que trago são fragmentos de memórias que constituem diferentes discursos sobre Canoas que, ao longo de sua história, tem acolhido migrantes vindos de vários espaços do Brasil, bem como fluxos de imigrantes de diversas etnias.

Trata-se de uma urbe multifacetada, que tem recebido identificações — cidade-dormitório, cidade-operária, cidade-industrial, “cidade-do-avião”,¹⁶ “cidade-do-Xis”,¹⁷ — que se encontram em disputa na produção de memória coletiva, nos discursos oficiais que investem na tentativa de dar-lhe “uma” identidade. Dentre essas rotulagens, as três primeiras têm sido tema de análise crítica de produção historiográfica recente, e as duas últimas têm acento em processos de desenvolvimento local do turismo cultural e constituem o foco de interessante embate em diferentes instâncias e mídias diversas.

Neste sentido, para além da materialidade tangível de Canoas (espaço construído em concreto, madeira, ferro, pedras, asfalto), pela qual a cidade é vista e se dá a ver, coexistem, como bem coloca Pesavento (2007), diferentes cidades — imaginadas, sonhadas, sensíveis, sentidas, amadas, odiadas, visíveis e invisíveis. Isto indica o quanto é desafiador o estudo sobre uma cidade em suas tramas, em seus diferentes tempos e espaços.

Parti desses pressupostos para ler Canoas em três diferentes temporalidades¹⁸ (anos 1910-1930; 1940-1950; 1960). Minhas fontes são coleções de imagens fotográficas reunidas em arquivos e captadas de redes sociais, obras literárias e narrativas de moradores e de memorialistas — rastros (RICOEUR, 2007) —, que me auxiliam a pensar como é possível reconstruir o passado da cidade no aqui e agora, permitindo-me retrair, como informa Pesavento, “[...] uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitido no presente para aqueles que não estiveram na cidade no passado” (2007, p. 20).

Impossível tratar sobre o passado de Canoas sem mergulhar em caixas, envelopes e álbuns de fotografias e em narrativas de antigos moradores, nas quais imagens e palavras se entrecruzam, formando um texto que coexiste com o narrador, o qual “(...) elabora um passado composto pela contemporaneidade, pelo diálogo que estabelece com a sociedade na qual está inserido e na forma como se insere” (MAUAD, 2001, p. 165).

A intenção, aqui, é a de disponibilizar minhas observações sobre a cidade, destacando a sua heterogeneidade; aquilo que vejo, olhando-a — parafraseando Geertz — “por cima do ombro” (2003[1973], p. 212), de seus moradores.

16 Canoas tem aeronaves como monumentos em duas praças — Santos Dumont, no Bairro Centro, e a Praça da FAB, no Bairro Fátima — e em dois outros locais — Entrada da Ala 3 (FAB) e Universidade Luterana do Brasil — Ulbra.

17 Pela Lei Nº 5990, de 7 de janeiro de 2016, Canoas é reconhecida como a cidade referência do típico “Xis” gaúcho. É criado o dia do “Xis”, comemorado anualmente no dia 28 de maio, e instituído o festival do “xis”. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rs/canoas?o=&q=dia+do+Xis>>. Acessado em 20 de maio de 2019.

18 Estas temporalidades referem-se, respectivamente a Canoas antes de sua emancipação, como município recém-criado e em processo de industrialização.

Olhando a cidade “por cima do ombro de memorialistas locais”

Escolhi três memorialistas locais cujas representações sobre Canoas auxiliaram a construir uma memória social sobre a cidade: João Palma da Silva ([1963], 1966); Edgar Braga da Fontoura ([1942], 1993); e Jesus Pfeil (1992). Silva escreveu que “(...) Francisco Pinto Bandeira levantou o primeiro rancho e acendeu o primeiro fogão irradiador da civilização, ao tomar posse da terra, em 1733” ([1963], 1966, p. 12). Fontoura se refere a Canoas como “(...) estância, esta estância foi a morada dos Pinto Bandeira, trabalhadores dos mais venturosos, campeadores dos mais heroicos, entre aqueles que dignificaram com a sua bravura o enriquecimento, com a sua glória os velhos acampamentos do velho Rio Grande de São Pedro” (op. Cit.). Pfeil informa que escrever a história da cidade remete a “(...) busca das origens e no registro de algumas famílias, as pioneiras, que pelas terras de Francisco Pinto Bandeira vieram fazer suas vidas formando o núcleo e o desenvolvimento do nosso município” (1992, p. 21).

Estes autores indicam o herói fundador — Francisco Pinto Bandeira —, dado como povoador pioneiro e conquistador da terra, a partir de doação de sesmaria que originou a Fazenda do Gravataí em torno de 1733. Francisco e seu filho, Rafael Pinto Bandeira seriam os “pais ancestrais” de Canoas que teriam iniciado o processo de dar base sólida ao seu desenvolvimento.

O exercício de “olhar a cidade por cima do ombro” dos autores citados, fez-me perceber as representações que construíram sobre Canoas, ou seja, a relação que se dá, de forma ambígua, como aponta Pesavento(1995), entre o que está ausente e a sua presentificação. Essa ausência é dada a ver por meio de imagem mental ou material construída não de forma mimética, a qual é atribuído um sentido, uma forma de captar o passado.

Esses “leitores especiais da cidade” (PESAVENTO, 1995, p. 283), traduziram Canoas em discursos nos quais ficaram invisibilizados outros sujeitos, como negros e indígenas, que também estiveram presentes na gênese histórica do município. Ainda, em se tratando das origens, os memorialistas indicam que a urbanização está diretamente relacionada à inauguração de estação da via férrea que ligou Porto Alegre a São Leopoldo e ao povoado que se formou no entorno daquela, por meio de loteamento de terras herdadas pelos sucessores de Rafael Pinto Bandeira. Bem alerta Marc Bloch sobre os perigos que podemos incorrer quando tratamos de origens, neste caso, as de Canoas:

(...) para a maioria das realidades históricas, a própria noção desse ponto inicial permanece singularmente fugaz. (...). Será que, ao contrário, por origens entendesse as causas? Então não haveria mais outras dificuldades a não ser aquelas que, constantemente e sem dúvida mais ainda nas ciências do homem, são por natureza inerentes às investigações causais. Mas entre os dois sentidos, frequentemente se constitui uma contaminação tão temível que não é em geral muito claramente sentida. Para o vocabulário corrente, as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar. Aí mora a ambiguidade; aí mora o perigo” (2001, p. 56-57).

Assim, os lugares históricos do município, segundo João Palma da Silva, seriam o que hoje se denomina Bairro Estância Velha, “(...) lugar onde Francisco Pinto Bandeira levantou o primeiro rancho e acendeu o primeiro fogão irradiador da civilização, ao tomar posse da terra (...) (SILVA, 1966 [1963], p. 12); o chamado “centro da cidade” (Fig. 3), “(...) onde assenta a estação da estrada de ferro e adjacências, berço do povoamento urbano, e onde existiu o Capão das Canoas, do qual se originou o nome da localidade e do município” (SILVA, idem, p. 12). O autor escreve que os dois espaços merecem monumentos e serem rememorados em nomes de ruas (Ibidem, p. 12). Os usos e as apropriações desses discursos explicaram e justificaram a identificação do que deveria ser seu patrimônio cultural e a atribuição de significados a dois de seus lugares e personagens.

Lendo a cidade a partir de matérias jornalísticas

Para além da historiografia memorialista, têm-se, também, as crônicas de jornais, que Pesavento identifica como “(...) narrativas de fronteira entre o documental e a ficção (...)” (2007, p. 19). Do primeiro jornal da cidade, O Cruzeiro, trago notícias sobre o povoado:

Canôas terá dentro em breve sua praça ajardinada, nos moldes mais modernos, em frente a sua igreja. Tal cousa não deixará de dar-lhe muita vida — vida que ella bem precisa. Será um ponto para onde convergirá o escol local, nas noites enluaradas; nas noites quentes de Verão e nas noites floridas de Primavera. Para completar tal carreira evolucionista, urge que seja inaugurado nesta localidade, um Casino de dansa dentro dos limites da decência publica, tendo como frequentadores, sócios conhecedores dos rythos sociaes (...) onde não houvesse seleção de classe, mas de nobreza de caráter. (...) Quem é Canôas? E responder-se-há sem medo de errar: — É a nova conquista do Progresso (MEIRELLES, 1935, p. 1).

No texto, Meirelles apresenta uma visão do futuro da cidade que se relaciona com um contexto espacial, urbano e simbólico. Ao mesmo tempo, uma urbe bucólica e progressista: mantendo suas belezas naturais, mas acrescentando o que se compreendia por desenvolvimento. Este autor, em sua visão de progresso, sugeria que a organização social se desse a partir de “nobreza de caráter” e não de classes. Quanto a isso, Agier (20011) explica que no contexto urbano aparecem as diferenças, os jogos de espelho, e que os indivíduos que vivenciam a cidade tendem a refletir sobre essas construções, sobre os modos de vida, as manifestações culturais, rituais e crenças.

Isso remete a elementos de construção identitária, no sentido com o que se identificava o cronista do Jornal O Cruzeiro, ou seja, com quem tecer laços e relações e que sentido dar a tudo isso. Meirelles, a seu modo, está “fazendo” a cidade, propondo novas formas de relações sociais e de sociabilidade. Há um acento evolucionista na escrita deste personagem— direcionado a um aprimoramento — que também perpassa as teses dos memorialistas locais: singularidade, progresso e desenvolvimento são expressões comumente encontradas nas narrativas sobre Canoas.

Uma cidade que se dá a ver a partir de imagens fotográficas

As imagens que mostro neste texto não trazem a cidade em si. São representações, rastros de olhares de quem ali viveu ou a visitou e que a captou num instante, a partir de um equipamento e um processo técnico. A expressão “uma cidade que se dá a ver” por meio das fotografias está relacionada com as coleções que foram organizadas por agentes do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira e do Museu Histórico La Salle. Assim, busco trabalhar com as imagens no sentido de iconografia urbana e como elementos passíveis de arquivamento — o que se quer guardar, o que se aceita como arquivável — e, por consequência, a sua institucionalização. Também, levo em consideração como estas têm interagido com a historiografia da cidade, sua divulgação em redes sociais e em outras mídias.

Não me é possível explorar imagens que retratem todos os caminhos e recantos de Canoas, pois não se tem como estabelecer ou esgotar a realidade da cidade. Aqui faço um exercício com vestígios que me permitam trazer ao leitor/leitora algumas das suas marcas de historicidade, buscando, como aponta Agier “(...) sua possibilidade por toda a parte (...)” (2011, p. 37). Escolhi imagens de festas e comemorações como rastros que permitem perceber representações sobre a cidade. Como afirmou Alain Corbin “(...) tudo que é da ordem da experiência humana é útil para o historiador” (2005, p. 14).

Assim, mergulho nos arquivos e encontro, em imagens fotográficas isoladas e descontinuas, vestígios de festas de famílias de descendentes de imigrantes alemães (Fig. 1), chegados a Canoas nas primeiras décadas do século XX, de casamentos (Fig. 2 e 3), de desfiles carnavalescos (Fig. 4) e atos cívicos (Fig. 5) que movimentavam a vida na cidade, criando espaços de sociabilidade.

Figura 1 – Confraternização de descendentes de imigrantes alemães, na Rua Monte Castelo (Canoas, RS, década de 1920).



Fonte: Arquivo Histórico Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Figura 2 – Casamento de Elza e Willi Blume, proprietários de terras no Bairro de Fátima (Canoas, RS, década de 1920).



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Figura 3 – Casamento de Maria Margarida e Bertholdo Jacobus (Canoas, RS, década de 1930).



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Figura 4 – Carnaval em Canoas, RS (1919).



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.



Figura 5 - Desfile da Semana da Pátria de 1943.

Fonte: Fototeca do Museu Histórico La Salle (MAHLS).

As imagens trazem personagens em interação, em momentos festivos, vivenciando o habitar, construindo sociabilidades, compartilhando emoções e construindo esperanças — é a cidade sensível em movimento (PESAVENTO, 2007). As festas e celebrações relacionam memória, criações culturais e identitárias e os seus elementos — materiais e imateriais — estão associados dando sentido à vida social. Mesmo que tenham características locais, aquelas criações estão associadas à construção de memórias, a trocas entre pessoas de diferentes procedências e origens étnicas, a informações advindas de diversas mídias e mensagens políticas e pedagógicas de grupos, movimentos, entidades e instituições. Os discursos identitários que são produzidos no festejar e celebrar se prolongam para além do espaço público, alcançando a vida cotidiana e, portanto, a indivíduos, grupos e à cidade no seu conjunto.

Assim como se têm as imagens celebrativas, também exponho aquelas que muitos gostariam de suprimir da memória coletiva: uma Canoas que tem em si as marcas das suas muitas águas. Situada nas várzeas dos rios Gravataí e dos Sinos e, ainda, banhada pelos arroios Araçá, Brigadeira, das Garças e Sapucaia, a cidade, ao longo da sua existência, tem sofrido inúmeras enchentes (Fig. 6, 7 e 8).

Figura 6 – Enchente no Bairro Rio Branco - Casa Vila Seibel (Canoas, RS, 1926).



Fonte: Fotos antigas de Canoas.

Disponível em <https://www.facebook.com/FotosAntigasDeCanoas/>

Figura 7 – Canoas, RS, enchente de 1941.



Fonte: Fotos antigas de Canoas.

Disponível em <https://www.facebook.com/FotosAntigasDeCanoas/>

Figura 8 – Enchente no Bairro Mathias Velho (Canoas, RS, 1966).



Fonte: Fotos Antigas de Canoas.

Disponível em <https://www.facebook.com/FotosAntigasDeCanoas/>

“Por cima dos ombros de moradores”: olhando Canoas em situações de tragédia

Das imagens fotográficas, passo a algumas narrativas de moradores e suas experiências de conviver com enchentes, marcas de historicidade relevantes para Canoas. A partir desses relatos, procuro mostrar como diferentes sujeitos, de três dos bairros da cidade, expressam lembranças sobre acontecimentos traumáticos no presente, no momento em que foram entrevistados. O que interessa aqui é a subjetividade daquilo que é narrado, como apontou Portelli (1997).

No Bairro Rio Branco:

(Na enchente de 1936) perdemos toda a plantação. Só não perdemos as galinhas porque elas ficaram em cima das bananeiras que flutuavam e também ficavam em cima da casa. Mas na enchente de 1941 nos deixou apavorados. (A água) chegou no telhado da casa. Depois dessa enchente meu pai não quis mais plantar (Jacob Wobeto, 1994).¹⁹

Trabalhei todo o dia (no armazém Cavalheiro). Quando terminei, lá pelas nove da noite, achei que podíamos descansar e jantar. Mas não demorou muito e ouvi um barulhão. Corri para ver o que era. A água era tanta que levantou os tonéis. Lá se foi todo o serviço do dia para a água (1965) (Ivori Cavalheiro, 1994).²⁰

(..) tinha gente que aplaudia quando vinha enchente porque recebiam rancho” (Roberto Petry, 1994).²¹

No Bairro Mathias Velho:

Aquela enchente de (19) 65 foi um desastre. Veio aquela de (19)67 e piorou. Atrasou o bairro uns dez anos (Delci P. da Silva, 1999).²²

No Bairro Harmonia:

(...) eu me lembro que quando eu estava no pátio começou a chegar água devagarinho, nós fomos medindo e a água foi chegando, e a gente cuidando, e quando ela quis entrar em casa; a gente achava que não ia entrar, mas daí ela foi entrando e foi entrando, quando eu vi, a água já estava em meia casa. Aí meu marido pediu pra gente sair, e eu disse que não iria sair. Nós botamos umas tábuas em cima de uma mesa e aí nós botamos todas as crianças em cima daquela mesa, e a água foi vindo, foi vindo, e quando eu vi a água estava pela janela. Quando ela atingiu a janela, estava na metade da janela, os policiais vieram com os barcos, foram tirando as crianças e nós todos devagarinho, e foram todos saindo com as crianças, e ficaram só os homens em casa e, cada vez a água subiu mais e foi quase na cunheira (sic) da casa. Subiu da janela pra cima. Chegou acima da janela, aí então ficou meu marido e um compadre meu em casa pra cuidar. Os bichos já foram tirando, mas não adiantou. Foram levando lá para Vila Cerne, lá para o lado direito dos trilhos e não adiantou porque tiveram que deixar os bichos lá nos trilhos, as criações de galinhas. Eles mataram todos os porcos. Mataram e atiraram num pátio de um senhor e ele ficou com todos os bichos lá.

(...) Perdi tudo, até meu bem mais precioso: minha filha! Perdi tudo o que eu tinha dentro de casa, nada mais foi aproveitado. A água levou tudo. A geladeira queimou porque a gente não tinha condição de levantar mais para cima; cama apodreceu. Salvamos muita pouca coisa, roupas de cama conseguimos salvar, mas muito pouca coisa. O colchão a gente não pode levar, pois a água já estava pela janela, aí só levamos cobertor, lençol, travesseiro, mas o resto, perdemos tudo... fogão... tudo... aí então a Prefeitura deu uns fogões velhos até a gente comprar tudo de novo. Mas depois nós tivemos muito tempo lá nos colégios da parte de cima de Canoas. Nós voltamos para casa, e a água deu um prejuízo muito grande que a minha menina, minha menina tinha, eu acho, nove meses, e deu aquele mal da terra (leptospirose?) (...) ela era muito pequenina e pegou o mal da terra e eu perdi ela, lá no Hospital Conceição (VALENTINA ASSUNÇÃO DE ASSUNÇÃO, 2010).²³

Depois vinham as enchentes, até na casa tinha enchente, por três vezes tiveram enchentes! Uma

19 WOBETO, Jacob. Jacob Wobeto: depoimento (1994). Entrevistador: Miguel Gayeski. Entrevista concedida para o Projeto Canoas – Para lembrar quem somos (UNILASALLE).

20 CAVALHEIRO, Ivori. Ivori Cavalheiro: depoimento (1994). Entrevistador: Miguel Gayeski. Entrevista concedida para o Projeto Canoas – Para lembrar quem somos (UNILASALLE).

21 PETRY, Roberto. Roberto Petry: depoimento (1994). Entrevistador: Miguel Gayeski. Entrevista concedida para o Projeto Canoas – Para lembrar quem somos (UNILASALLE).

22 SILVA, Delci P. da. Delci P. da Silva: depoimento (1999). Entrevistador: Miguel Gayeski. Entrevista concedida para o Projeto Canoas – Para lembrar quem somos (UNILASALLE).

23 ASSUNÇÃO, V. de A. Valentina Assunção de Assunção: depoimento (2010). Entrevistadora: Silviane Assunção Costa. Entrevista concedida para o Projeto Canoas – Para lembrar quem somos (UNILASALLE).

enchente depois a outra. (...). Tinha muitas valas nas frentes das casas, eu lembro muito disso. Inclusive não tinha esgoto. Aquelas valas eram justamente por causa das enchentes que eu ouvi falar, que o pessoal antes de mim falava. Então foram abertas essas valas para escoar a água (TEODORO IVANKIO, 2010).²⁴

As narrativas trazem vestígios de eventos em que personagens diferentes tiveram suas vidas entrelaçadas. Dramáticos e heroicos, os protagonistas tecem suas vidas em meio às dificuldades nos cenários dos espaços por eles habitados, inscrevendo novas etapas na urbanização do município. Suas narrativas estão fundamentadas nas experiências que viveram coletivamente e na construção de memórias que se constituem como seu fio condutor (BENJAMIN, 2012).

Considerações finais

Imagens e narrativas aqui trazidas e apresentadas como fragmentos de memórias sobre Canoas mostram a cidade vivida, experienciada em acontecimentos — a cidade imaterial — que retira seu sentido diário não do que comumente se entende por identidade, aquela tida como primordial, mas sim daquela formada contextualmente. Ao evocar Canoas de tempos passados, percebem-se as suas múltiplas dimensões, as readaptações dos seus espaços e a força de seus rastros nas narrativas de quem a vivenciou e/ou vivencia.

Referências

- AGIER, M. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas** Volume – I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Walter Benjamin tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BLOCH, M. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORBIN, A. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Trad. de Christian P. Kasper. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 14, 2005.
- FONTOURA, E. B. da. **Origens de Canoas**. Canoas: Prefeitura Municipal de Canoas, 1993.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2003[1973].
- MAUAD, A. M. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. **Projeto História**, São Paulo, (22), jun.2001. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10734/7966>>. Acesso em 10 jun. 2019.
- MEIRELLES, N. M. de. A voz do progresso. **Jornal O Cruzeiro**, N. 2, 18/08/1935.
- PESAVENTO, S. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, ANPUH, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan.-jun., 2007.

24 IVANKIO, T. Teodoro Ivankio: depoimento (2010). Entrevistador: Francisco de Paula Brizolara de Freitas. Entrevista concedida para o Projeto Canoas – Para lembrar quem somos (UNILASALLE).

PFEIL, A. J. **Canoas**: Anatomia de uma cidade. Canoas: Ponto & Vírgula, 1992.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**. São Paulo(15) abr, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>>. Acessado em 16 de abril de 2019.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SILVA, J. P. da. **As origens de Canoas**. Conquista – Povoamento – Evolução. 3. ed. Canoas: Ed. La Salle, 1966.